

---

**A APOSTA PELA NARRATIVA JORNALÍSTICA NO PROGRAMA A VIVIR  
QUE SON DOS DÍAS, DA SOCIEDAD ESPAÑOLA DE RADIODIFUSIÓN**

*THE COMMITMENT TO JOURNALISTIC NARRATIVE IN THE PROGRAM A VIVIR QUE SON DOS DÍAS,  
FROM SOCIEDAD ESPAÑOLA DE RADIODIFUSIÓN*

*LA APUESTA POR LA NARRATIVA PERIODÍSTICA EN EL PROGRAMA A VIVIR QUE SON DOS DÍAS,  
DE LA SOCIEDAD ESPAÑOLA DE RADIODIFUSIÓN*

MAURO DE SOUZA VENTURA<sup>1</sup>

TAYANE ABIB<sup>2</sup>

Submissão: 02/02/2021

Aprovação: 05/03/2021

Publicação: 16/07/2021

---

<sup>1</sup> Professor adjunto do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Livre-Docente em Jornalismo. Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP).

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-5557-228X> E-mail: [mssventura@unesp.br](mailto:mssventura@unesp.br)

<sup>2</sup> Mestre e Doutoranda em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Bolsista de Doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-2110-6640> E-mail: [tayaneaabib@gmail.com](mailto:tayaneaabib@gmail.com)

---

## RESUMO

Este artigo investiga possibilidades de reconfiguração narrativa por uma cobertura jornalística atenta a pessoas e realidades marginalizadas pelo interesse público e midiático. A partir de pesquisa empírica realizada junto a jornalistas que produzem o quadro radiofônico *Carreteras Secundarias*, do programa *A vivir que son dos días* (SER), evidencia-se as contribuições da dinâmica jornalística implementada na emissora ao atual contexto de

radiodifusão, por um enfoque aos seguintes movimentos jornalísticos: noticiabilidade alinhada a personagens anônimos, técnicas de apuração de envolvimento dos repórteres com suas fontes (VARGAS, 2017; LIMA, 2009), e entrevistas dialógico-compreensivas (MEDINA, 2008; GADAMER, 2002).

**Palavras-chave:** Narrativa jornalística. Radiodifusão espanhola. Cotidiano. Personagens anônimos.

## ABSTRACT

This article investigates possibilities of narrative reconfiguration through journalistic coverage that is attentive to people and realities marginalized by the public and media interest. Based on an empirical research carried out with journalists who produce the section *Carreteras Secundarias*, from the program *A vivir que son dos días* (SER), it shows the contributions of the journalistic dynamics implemented in the station to the current context of broadcasting, by focusing on the following movements journalistic: news in line with anonymous characters, involvement of reporters with their sources (VARGAS, 2017; LIMA, 2009), and dialogic-comprehensive interviews (MEDINA, 2008; GADAMER, 2002).

**Keywords:** Journalistic narrative. Spanish broadcasting. Daily life. Anonymous characters.

## RESUMEN

Este artículo investiga las posibilidades de reconfiguración narrativa a través de una cobertura periodística atenta a las personas y realidades marginadas por el interés público y mediático. A partir de una investigación empírica realizada con periodistas que producen el cuadro *Carreteras Secundarias*, del programa *A vivir que son dos días* (SER), identifica los aportes de la dinámica periodística implementada en la emisora al contexto actual de la radiodifusión, al enfocarse en los siguientes movimientos periodísticos: noticiabilidad de personajes anónimos, técnicas de apuración con involucramiento de los reporteros a sus fuentes (VARGAS, 2017; LIMA, 2009) y entrevistas dialógico-compreensivas (MEDINA, 2008; GADAMER, 2002).

**Palabras clave:** Narrativa periodística. Radiodifusión española. Cotidianidad. Personajes anónimos.

## INTRODUÇÃO

Recorde de audiência da emissora radiofônica *SER* (Sociedad Española de Radiodifusión) aos finais de semana, o programa *A vivir que son dos días* bateu a marca de 1.922.000 ouvintes em sua edição de sábado, e 2.033.000 na transmissão de domingo, de acordo com os dados divulgados no último *Estudio General de los Medios*, referente ao consumo midiático espanhol no terceiro quadrimestre de 2019. O programa, criado em 1988, passou por uma reformulação em 2012, sob a liderança do jornalista Javier Del Pino, e desde então vem atingindo índices notáveis de audiência<sup>1</sup>.

Conforme relatado em entrevista concedida aos autores em dezembro de 2019, para Del Pino, o sucesso de *A vivir que son dos días*, em contexto de queda de audiência da imprensa, da televisão e do rádio frente aos meios digitais, deve-se ao formato jornalístico distinto que a equipe do programa busca desenvolver, ao investir tempo e recursos profissionais na produção de conteúdos próprios, por uma aposta ao *reporterismo* enfraquecido como consequência da crise econômica dos meios de comunicação.

De maneira específica, o quadro *Carreteras Secundarias*, produzido pelos jornalistas Bru Rovira e Valentina Rojo, despertam nosso interesse investigativo. Lançado em 2015, tem como proposta relatar histórias de povoados espanhóis que nem sempre recebem destaque na cobertura informativa tradicional. A expressão *Carreteras Secundarias*, que alude à noção de pistas ou estradas vicinais, repercute, em termos jornalísticos, como metáfora de provocação e de resistência frente à noticiabilidade e ao tratamento narrativo que orientam a prática jornalística hegemônica. E se inscreve também como noção que instiga reflexões sobre possibilidades de reconfiguração narrativa a partir de um compromisso profissional com pessoas e realidades marginalizadas pelo interesse público e midiático.

---

<sup>1</sup> La *Ser* lidera la radio española con 4.148.000 oyentes. em: [https://cadenaser.com/ser/2019/11/27/sociedad/1574835454\\_254865.html](https://cadenaser.com/ser/2019/11/27/sociedad/1574835454_254865.html) >. Acesso em 02 de fevereiro de 2021.

A partir de uma pesquisa empírica desenvolvida junto aos jornalistas que produzem o quadro radiofônico do programa, evidencia-se as contribuições da dinâmica narrativa implementada na emissora ao atual contexto de radiodifusão, por um enfoque, também bibliográfico, aos seguintes movimentos jornalísticos: a noticiabilidade alinhada aos personagens anônimos, a adoção de técnicas de apuração de envolvimento dos repórteres com suas fontes (VARGAS, 2017; LIMA, 2009), e a realização de entrevistas dialógico-compreensivas (MEDINA, 2008; GADAMER, 2002).

## A APOSTA POR CONTAR HISTÓRIAS

Cabe destacar, de início, que a rádio é veículo de comunicação com grande tradição na Espanha. No momento de sua maior audiência, chega a ter cifras de público mais altas que as da televisão, como assinala Antoni Bassas (2019, informação verbal<sup>2</sup>), que hoje é diretor do *Ara*, o mais recente diário impresso da Catalunha, mas que tem uma trajetória de mais de 30 anos trabalhando em rádio: “a voz transmite muita verdade e proximidade, é muito respeitosa com as pessoas”<sup>3</sup>, opina o jornalista, ao ser questionado sobre o porquê do encanto desse meio sobre a população. Ao que acrescenta Javier Del Pino (2019), diretor do programa aqui analisado, respondendo à mesma pergunta: “a protagonista é a palavra, e as pessoas não querem outra coisa mais do que a palavra. Por ela, a integridade, a honestidade, a personalidade do comunicado chega de maneira muito mais direta ao coração do ouvinte”<sup>4</sup>.

Todos os sábados e domingos, assim, das 08:00 às 13:00, a emissora radiofônica *SER*, do conglomerado midiático PRISA, que detém também o periódico espanhol *El País*,

---

<sup>2</sup> Todas as declarações de jornalistas citadas neste artigo resultam de entrevistas gravadas, transcritas e traduzidas pelos autores.

<sup>3</sup> Entrevista realizada pela autora em 09 de outubro de 2019. No original: “la voz transmite mucha verdad y mucha proximidad, es muy respetuosa con la gente”.

Todas as traduções realizadas neste artigo são de nossa autoria.

<sup>4</sup> Entrevista realizada pela autora em 28 de novembro de 2019. No original: “la protagonista es la palabra, y la gente no quiere otra cosa más que la palabra. Por ella, la integridad, la honestidad, la personalidad del comunicado llega de manera muy más directa al corazón del oyente”.

transmite o programa *A vivir que son dos días*, dirigido e apresentado pelo jornalista Javier del Pino desde 2012. Com um total de 38 seções, entre informação, opinião, entrevista, humor e cultura, *A vivir que son dos días* recebe contribuições de profissionais que são referência na história recente do jornalismo espanhol pós-regime ditatorial de Francisco Franco: José Martí Gómez, Ramón Lobo, Juan Tallón, Gervásio Sanchez, Bru Rovira, entre outros nomes dedicados a imprimir um formato que vem dando à emissora a liderança da audiência radiofônica espanhola aos finais de semana.

O sucesso do programa se deve, em grande medida, segundo del Pino (2019), à configuração jornalística distinta que a equipe busca implementar, investindo tempo na produção de conteúdos próprios, a partir de uma aposta pelo exercício da reportagem. Um modelo de jornalismo radiofônico “mais trabalhado, mais apurado, consciente de seu valor como sistema de comunicação, mais do que como meio de comunicação de massas”, explica o jornalista, que também detalha a fonte de sua inspiração para o desenvolvimento do formato: o trabalho desenvolvido pela rádio pública norte-americana *NPR*, a qual pôde conhecer de modo mais aprofundado durante os dezesseis anos que viveu em Washington D.C, atuando como correspondente da *SER* e colunista do diário *El País*

Durante muito tempo, a direção da emissora havia tentado que eu voltasse para fazer um programa, e eles conseguiram convencer-me com a promessa de que eu poderia fazê-lo como quisesse. O programa estaria sob meu comando, e não haveria nenhum tipo de obrigação ou necessidade de contrapartida de minha parte. Então, eu comecei o projeto quando regressei à Espanha, e a verdade é que minha casa cumpriu sua promessa: me deixaram fazer o que quis. Isso acabou sendo um pouco complicado, porque, claro, quando eu retornei, depois de tantos anos fora, e empreendi um formato de rádio que era distinto do que havia na emissora, e no país, a princípio houve uma espécie de choque, por parte da audiência e, logicamente, dos diretores da empresa. No entanto, o público logo compreendeu a proposta e estamos há sete anos no ar com níveis de audiência maravilhosos (DEL PINO, 2019)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Entrevista realizada pela autora em 28 de novembro de 2019. No original: “Durante mucho tiempo habían intentado que yo regresara a hacer un programa, y conseguirán convencerme con la promesa de que yo podría hacer lo que yo quisiera. El programa me lo darían y no habría ningún tipo de obligación, o ningún tipo de cortapisa. Entonces, yo empecé el proyecto cuando regresé a España, y la verdad es que mi casa cumplió su

As premissas de *A vivir que son dos días*, que acabaram se convertendo em promessas para o ouvinte, conforme conta Del Pino (2019), foram essencialmente duas: afastar-se dos grandes eixos em torno dos quais se move a rádio na Espanha – política e futebol – e “escutar as pequenas coisas, para delas extrair grandes conclusões”<sup>6</sup>, de modo a fazer do programa uma espécie de remanso ou trincheira frente aos conteúdos midiáticos hegemônicos

O programa radiofônico, deste modo, empreende coberturas jornalísticas atentas a temáticas tradicionais, como política e economia, mas elege realizá-las não por uma abordagem padrão, de confrontação, como a que costuma orientar o quadro noticioso dos informativos hegemônicos, e sem implicar-se nos esquematismos declaratórios dos discursos oficiais – não tendo convidado, desde que Del Pino assumiu a direção da produção, nenhum político para participar de suas seções. O interesse é discutir menos políticas e mais políticas sociais, culturais, de emprego – a partir de uma perspectiva alinhada às demandas da população.

É neste sentido que narrativas da vida comum têm destaque no *modus operandi* do formato do programa, que, desde 2015, passou a contar com o quadro *Carreteras Secundarias*, pela contratação do jornalista catalão Bru Rovira, especializado em coberturas internacionais e sociais, para reportar histórias de pequenos povoados da Espanha: “atender aos diminutos da vida cotidiana para entender o que ela tem de profundo”<sup>7</sup>, explica Del Pino (2019).

Um levantamento temático das reportagens veiculadas pelo programa no ano de 2019 ajuda-nos a compreender o protagonismo dessas pautas ligadas ao cotidiano de personagens

---

promesa: me han dejado hacer lo que yo he querido. Eso a veces ha sido un poco complicado, porque, claro, cuando yo regresé, después de tantos años fuera, e hice un pico de radio, que era distinto de la radio que se hacía en esta casa, en este país, pues a principio hubo una especie de choque, por parte de la audiencia, y, por supuesto, por parte de los directivos de esta empresa. Sin embargo, la audiencia inmediatamente respondió y hemos cumplido siete años en la antena con niveles de audiencia maravillosos”.

<sup>6</sup> No original: “escuchar las pequeñas cosas, para de ellas sacar grandes conclusiones”.

<sup>7</sup> No original: “atender a las pequeñas cosas de la vida cotidiana para entender lo que tiene de profundo”.

ordinários: pastores rurais do povoado de Guadalaviar que dedicam seus dias e o sustento de suas famílias ao cuidado de cabras, professores de Albolote que desenvolvem o ofício integrando em suas aulas idosos e crianças, anciãos de Pescueza que lidam com a solidão da velhice em associações de vizinhos dos bairros, jovens que vivem da pesca com os avós em Arousa, mulheres refugiadas de Mali que buscam um recomeço em Recas – registros que se envolvem com a trama dos anônimos, em suas resistências e reinvenções.

Vamos a um exemplo: todos os jornalistas gostariam de entrevistar Barack Obama, ou o Papa. Mas nós não estamos nessa guerra. Preferimos entender o legado de Obama, ou entender o catolicismo atual através das pessoas que vão à igreja, do que conseguir uma entrevista com o Papa. E isso nos faz ir a lugares onde um jornalista nunca esteve, e escutar coisas que ajudam a compreender o que está se passando nesse país e no mundo (DEL PINO, 2019)<sup>8</sup>.

Os grandes meios de comunicação, ou aqueles que informam desde as capitais, observou o diretor de *A vivir que son dos días*, muitas vezes se esquecem de que as grandes cidades são minorias frente ao país, isto é, de que esse é formado por uma multiplicidade de pessoas que vivem em localidades cujas demandas são distintas das que residem na capital, e é papel do jornalismo escutar também essas necessidades, bem como repercutir de que modo as decisões tomadas nos grandes centros afetam a outras comunidades. Assim, a partir de reuniões semanais de conteúdo, o processo de trabalho do programa consiste em levantar entre a equipe – hoje formada por dez jornalistas –, temas que estejam de acordo com a proposta de reportar problemáticas sociais a partir das histórias de personagens anônimos, levando, para isso, semanas a meses para a apuração dos fatos.

## **POR CARRETERAS SECUNDÁRIAS**

---

<sup>8</sup> No original: “Te pongo un ejemplo: a todos los periodistas les encantaría entrevistar a Barack Obama, o al Papa, y tal, ¿no? Pero no estamos en esta guerra. Preferimos entender el legado de Obama, o entender el catolicismo actual a través de gente que va a la iglesia, que conseguir una entrevista con el papa. Y eso nos hace ir a lugares a los que nunca ha habido un periodista, y escuchar cosas que te ayudan muy bien a entender lo que está pasando en este país y en el mundo”.

Especificamente na seção *Carreteras Secundarias*, trabalham Bru Rovira e Valentina Rojo – uruguaia de origem, de 28 anos, que desde 2015 atua na rádio *SER* -, configurando um modelo de colaboração que aposta na integração de duas gerações que viveram lógicas profissionais distintas – dado também o momento histórico do país -, mas que compartilham o *modus operandi* do *reporterismo* de toda a vida: “ir livre de prejuízos a qualquer lugar, deixar-se surpreender pelas coisas que vai conhecer, por muito que acredite que já as conheça”<sup>9</sup> (ROJO, 2019).

Sair à rua e conversar com as pessoas, não fazemos nada mais do que isso. Não inventamos nada, é disso que se trata o jornalismo. Não é uma novidade, na realidade, mas é algo novo na lógica geral dos meios. Enquanto a rotina do jornalismo vai pelas pistas principais, o que buscamos fazer é tomar as vias secundárias, o outro lado das histórias que não se contam, e que são importantes, mas, ao final do dia, para a dinâmica hegemônica, passam desapercibidas. [...] Creio que é um pequeno remanso de paz. Lamentavelmente, agora, iniciativas como essas parecem que se tornam marginais (ROJO, 2019, informação verbal, tradução nossa)<sup>10</sup>.

Rovira (2019), que nunca havia trabalhado em rádio em quarenta anos de carreira profissional, enfatiza que, apesar de a voz proporcionar um papel importante no meio – onde, às vezes, os jornalistas se convertem mais em locutores que em repórteres - o mais importante é sempre ser orelha: “o jornalismo, independente do meio de comunicação, é uma atitude, é um ‘como’ chegar aos lugares e escutar as pessoas [...] a potência tem que estar na voz do

---

<sup>9</sup> Entrevista realizada pela autora em 12 de dezembro de 2019. No original: “ir libre de prejuicios a cualquier lugar donde vayas, dejarte sorprender por cualquier cosa que vayas a conocer, por mucho que creas que ya te lo sabes”.

<sup>10</sup> No original: “Salir en la calle y hablar con la gente, no hacemos nada más que esto. No hemos inventado nada, es de lo que se trata el periodismo. No es algo nuevo en realidad, pero es algo nuevo en la lógica general de los medios. Mientras el día a día del periodismo va, pues, por las grandes autopistas, nosotros lo que intentamos es ir por las carreteras secundarias, el otro lado de las historias que no se cuentan, y que son importantes, pero, bueno, al final el día a día de la actualidad, pues, hace que pasen más desapercibidas, o que no tenga tanto espacio para dedicarles a ellas. [...] Creo que es un pequeño remanso de paz. Lamentablemente ahora esta iniciativa parece que resulta algo marginal”.

Outro, e não na sua”<sup>11</sup>. É o ponto que mais se sobressai na prática de reportagem desenvolvida no quadro *Carreteras Secundárias*, na opinião de Valentina Rojo (2019): “prestar pouca atenção a como vai soar a voz do repórter, e simplesmente se dedicar a dialogar com a pessoa [...] o que eu aprendi é que você é o primeiro que tem que ser esquecido”<sup>12</sup>.

A expressão *Periodismo de Carreteras Secundárias* foi cunhada por Bru Rovira e empregada publicamente pela primeira vez em 2004, quando o repórter recebeu o Prêmio Ortega y Gasset pelo conjunto de seu trabalho. De maneira resumida, a história de vida do jornalista catalão pode ser apresentada em fatos datados e diretos, como pede o *lead* noticioso: nasceu em Barcelona, em 1955, trabalhou nas revistas espanholas *Arreu*, *Primeras Noticias* e *La guia del ocio*, e nos diários *Tele/Exprés*, *El Noticiero Universal*, *Avui*, *La Vanguardia* e *Ara*.

É importante destacar, no entanto, e seguindo a linha do *reporterismo* que estamos a defender neste artigo, que demanda um movimento de aproximação para ir além dos simples dados e alcançar a complexidade das narrativas, que a trajetória profissional de Rovira está ligada ao período de resistência do jornalismo espanhol, em defesa da liberdade de imprensa durante o regime ditatorial de Francisco Franco (1939-1975), desde o *Grup Democràtic de Periodistes*. Está inspirada, também, no trabalho de Ryszard Kapuscinski, sobretudo em suas incursões pelo continente africano, fazendo da atitude de reportar a partir de figuras anônimas a peça-chave de sua conduta profissional.

---

<sup>11</sup> Entrevista realizada pela autora em 14 de dezembro de 2019. No original: “el periodismo, independiente del medio que sea, es una actitud, es cómo tú llegas a un sitio y escuchas [...] la potencia tiene que estar es la voz del otro, no en la tuya”.

<sup>12</sup> No original: “prestar muy poca atención a cómo va a quedar nosotros, los reporteros, cómo va a sonar nuestra voz, y simplemente se limitar a conversar con la persona [...] lo que yo he aprendido es que tú es lo primero que tienes que olvidar”.

Da convicção do historiador e repórter polaco “de que para se ter direito a explicar é preciso se ter um conhecimento direto, físico, emotivo, olfativo sobre aquilo de que se fala” (Kapusinski, 2002, p. 15), Rovira aprendeu o valor da observação de pequenas coisas. Identificar aqueles detalhes que significam aos sujeitos, atentando-se aos diminutos que conferem sentido ao seu cotidiano e acabam por conectar suas micro-realidades a dimensões sociopolíticas mais amplas. Uma panela, que por uma visada de aparência não é mais que a materialidade de um utensílio doméstico, ganha em simbologia a partir do olhar sensível de um repórter que busca significação, e vai percebê-la como o sustento de uma vida familiar. Há uma passagem representativa desta acepção, relatada por Rovira em entrevista aos autores, que ajuda a ilustrar esse movimento de reportagem:

Isso ocorreu em Moçambique, quando resgatamos uma senhora com um helicóptero, depois das inundações do ano 2000. Essa senhora subiu, e quando estava no helicóptero disse ‘não peguei a panela’, mas o piloto dizia ‘cada hora de voo neste helicóptero vale não sei quantos milhões’, e ela insistia ‘não, é que eu, sem a panela, não posso viver, necessito da panela’... O piloto então lhe respondeu ‘bom, nós precisamos seguir’, e a senhora por fim deixou o helicóptero. A panela não é só uma panela, e nós, jornalistas, precisamos explicar isso. Está a panela, mas também está a senhora, e está o helicóptero, e está o voo, e, bom, precisamos fazer as conexões entre as coisas (ROVIRA, 2019)<sup>13</sup>.

Os elementos aparentemente triviais carregam a potência de uma história, com sua vitalidade, suas contradições e fragilidades. O jornalismo, afinal, como ensina Kapuscinski (2002, p. 37), é também ofício de emoções, já que “a fonte principal do nosso trabalho são ‘os outros’”. E, para Rovira, é pelo escopo que atrela os diminutos às subjetividades humanas

---

<sup>13</sup> Entrevista realizada pela autora em 02 de outubro de 2019. No original: “Eso ocurrió en Mozambique cuando rescatamos una señora con un helicóptero, después de las inundaciones del 2000. Esta señora subió, y cuando estaba en el helicóptero dijo ‘me he dejado la olla’, pero el tío del helicóptero decía ‘bueno, cada hora de vuelo en este helicóptero vale no sé cuántos millones’, y ella insistía ‘no, es que yo sin mi olla no puedo vivir, necesito la olla’... El tío entonces le contestó ‘bueno, nosotros tenemos que ir’, y la señora por fin se tiró. Entonces, claro, la olla no es solo una olla, y nosotros periodistas tenemos que explicar eso. Está la olla, pero también está la señora, y está el helicóptero, y está el vuelo, y bueno, tenemos que hacer las conexiones de las cosas”.

que somos capazes de alcançar a complexidade do real – como uma espécie de porta de entrada à compreensão das redes contextuais que formam a vida em sociedade.

Se o mundo pode ser explorado por uma multiplicidade de rotas, Rovira elegeu, portanto, adentrá-lo pelas vias secundárias. Essas, conforme comenta Sandra Vicente (2019), jornalista do diário *Catalunya Plural*, “ainda que te estraguem os pneus do carro e te façam gastar mais gasolina [...], te abrem o olhar para perceber coisas que estão próximas, pelas quais passamos nas ruas, mas não nos damos conta”<sup>14</sup>. Alfonso Armada, presidente da seção espanhola *Reporteros sin Fronteras*, com carreira nos jornais *El País* e *ABC*, viveu, nos anos 2011 e 2012, a experiência de percorrer diariamente alguns quilômetros pelas *carreteras secundarias* da Espanha. Em 2018, publicou a obra *Por carreteras secundarias*, que relata suas viagens desde a madrilenha Puerta del Sol, atravessando o interior da Catalunha, da Galícia e da Andalucía, passando por Extremadura.

A proposição que estava em jogo era investir no caminho, sem se preocupar com a chegada. Disfrutar, de fato, o percurso, e dedicar maior interesse aos entornos – o que não costuma ocorrer quando se transita pelas pistas principais.

Por carreteras secundarias você precisa ir mais devagar, você pode parar, pode escutar, pode viver e encontrar-se com o inesperado. [...] Sobretudo dedicando tempo, isto é, perdendo-se pelas sombras das coisas, pelas histórias [...] para perceber que há um sentido mais além do que vemos pelas pistas tradicionais (ARMADA, 2019)<sup>15</sup>.

Aplicada ao jornalismo, essa dinâmica assume a configuração de uma prática contracorrente: diante dos tradicionais discursos midiáticos que se deixam orientar por interesses políticos e empresariais, manifesta-se como provocação e modo de resistência.

---

<sup>14</sup> Entrevista realizada pela autora em 03 de dezembro de 2019. No original: “aunque te estraguen las rodas del coche, te hagan gastar más gasolina [...] te abren la mirada para percibir cosas que están ahí, por las cuales pasamos por delante en la calle y que no nos fijamos”.

<sup>15</sup> Entrevista concedida aos autores em 27 de setembro de 2019. No original: “Por carreteras secundarias tienes que ir más despacio, puedes parar, puedes escuchar, puedes vivir, puedes encontrarte con lo inesperado. [...] Sobre todo tomándose tiempo, es decir, perdiéndose por las sombras de las cosas, por las historias [...] para percibir que hay un sentido mucho más allá de lo que vemos por las vías tradicionales”.

Uma expressão que é uma atitude vital, “que vai em sentido contrário ao jornalismo oficial”, como comenta Josep Carles Rius (2019), e que, assim, sinaliza para uma espécie de jornalismo de anti-poder: “há um ponto de compromisso social no que toca a dar voz aos perdedores, explicar a realidade a partir dos que estão à margem da sociedade [...] fixar um lugar na história para falar dos que sofrem”<sup>16</sup>.

Na noção de *carreteras secundarias* também está o posicionamento do repórter catalão em questionar o processo de produção noticiosa acomodado nas rotinas profissionais (TRAQUINA, 2005), extrapolando a divergência em relação a um fazer jornalístico que se padronizou sentido à ação: assumir a conduta propositiva de resgatar o protagonismo narrativo de pessoas e temas marginalizados pelas coberturas midiáticas hegemônicas, de modo a convertê-los em peças centrais nas discussões acerca das problemáticas socioculturais.

Aos tradicionais saberes de reconhecimento, procedimento e narração (TRAQUINA, 2005), que direcionam modelo informativo em função de critérios de noticiabilidade, predileção por fontes oficiais e redação em formatos de *lead* e pirâmide invertida (LAGE, 2005), a proposta de *carreteras secundarias* fundamenta possibilidades de coberturas de fôlego, em que o valor está na construção de sentidos tecida por cada sujeito, na vivência compartilhada entre repórter e personagens, e na tessitura de uma escritura que, antes de aplicar fórmulas, busca encontrar os pontos de cadência entre os acontecimentos, através de uma vinculação com seus contextos.

Eu prefiro, e faço, um jornalismo de *carreteras secundarias* no sentido de que o *mainstream* não me interessa. O que me interessa é circular mais pelos lados, por dentro, isto é, sair do discurso oficial para enfatizar um modo distinto de fazer. [...] E esse modo distinto é também uma provocação. Jornalismo é conhecimento do que ocorre através das pessoas, dos sentimentos e, sobretudo, do escutar. A ideia

<sup>16</sup> Presidente da *Fundación Periodismo Plural*. Foi subdiretor do diário *La Vanguardia* nos anos 1990. Entrevista realizada pela autora em 05 de novembro de 2019. No original: “que va muy en contra del periodismo oficial” [...] “hay un punto de compromiso social en el sentido de dar voz a los perdedores, explicar la realidad a partir de los que están al margen de la sociedad [...] fijar un lugar en la historia para hablar de los que sufren”.

de *carreteras secundarias*, para mim, é dar fortaleza a todos esses valores que se perderam (ROVIRA, 2019)<sup>17</sup>.

Kapuscinski (2002, p. 38), desde uma posição marginal, já inscrevia o jornalismo como exercício essencialmente de relações, “saber como se relacionar com os outros, como tratá-los, como compreendê-los”. A dinâmica assumida por Rovira, ao se basear na centralidade do sujeito e na observação aos detalhes cotidianos, depende de uma abertura à escuta e de uma atitude compreensiva pelo movimento do diálogo: “colocar-se no lugar de entender como o outro vive, por que vive assim, com quem vive, como se relaciona com os outros, com o seu entorno, quais sonhos e ideais tem”<sup>18</sup> (ROVIRA, 2019).

Hans-Georg Gadamer (2002, p. 247) reflete sobre a experiência dialogal em ensaio que compõe sua célebre obra *Verdade e Método II*, e que pode se estender ao campo jornalístico, precisamente por enfatizar o potencial das interações que reconhecem o valor da humanidade de seus partícipes: “é só no diálogo que os homens podem encontrar-se e construir aquela espécie de comunhão onde cada qual continua sendo o mesmo para o outro porque ambos encontram o outro e encontram a si mesmos no outro”. Quando inscreve a entrevista jornalística como um braço da comunicação, Cremilda Medina (2008) destaca tal procedimento em configuração de encontro com o Outro, para além de simples técnica.

Sua crítica ao dirigismo com que se executam os processos noticiosos busca liberar o profissional da camisa-de-força do questionário fechado, sublinhando “as possibilidades de enriquecimento informativo de uma entrevista de tipo aberto (...): o centro do diálogo se desloca para o entrevistado (...) e esta relação tem condições de fluir” (MEDINA, 2008, p.

---

<sup>17</sup> No original: “Yo prefiero, y hago, un periodismo de carreteras secundarias en el sentido que el *mainstream* no me interesa. Lo que me interesa es circular más por los lados, por dentro, es decir, salir del discurso oficial para enfatizar un modo distinto de hacer. [...] Y ese modo distinto es también una provocación. Periodismo es conocimiento de lo que ocurre a través de las personas, de los sentimientos y, sobre todo, del escuchar. La idea de carreteras secundarias, para mí, es dar fortaleza a todo eso que se ha perdido”.

<sup>18</sup> Entrevista realizada pela autora em 02 de outubro de 2019. No original: “ponerse en el lugar de entender cómo el otro vive, por qué vive así, con quién vive, cómo se relaciona con los otros, con los objetos, con la naturaleza, qué sueños tiene, que ideal tiene”.

11). Sob essa via, a entrevista assume feição compreensiva, interessada no “conhecimento de sujeito a sujeito” (Morin, 2002, p. 94), aquele que deseja o “vínculo com a coisa que se aborda, com o outro, com a pluralidade dos outros, com o mundo” (SODRÉ, 2006, p. 68).

Está, portanto, diretamente relacionada com a humanização do contato interativo, atenta aos sentidos que emanam do ato presencial - “a sintonia dos silêncios, dos gestos [...] dos sinais sutis do corpo, o brilho úmido da pupila, o olfato” (MEDINA, 2008, p. 93). O verdadeiro carisma do diálogo, recorda-nos Gadamer (2002, p. 244), “apenas se faz presente na espontaneidade viva da pergunta e resposta, no dizer e deixar-se dizer”.

Toda boa narrativa do real só se justifica se nela encontramos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado, com a extensão necessária e com a lucidez equilibrada onde nem os endeusamos nem os vilipendiamos. Queremos antes de tudo descobrir o nosso semelhante em sua dimensão humana real, com suas virtudes e fraquezas, grandezas e limitações (LIMA, 2009, p. 359).

Assim, os processos de apuração e entrevista que se conjugam no exercício da narrativa jornalística aqui destacada acabam por articular a experiência-vivência do jornalista no contexto reportado, isto é, convidam-no a participar e se envolver com a realidade de suas fontes, “abrindo novas e inusitadas possibilidades de captar, aprender, resgatar, narrar e compreender o ser humano em sua relação com o mundo” (VARGAS, 2017, p.43). A prática imersiva, conforme Lima (2009, p. 373), permite ao autor esse mergulho no real, para “viver intensamente, de corpo e alma, a experiência de vida dos personagens”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Inscrito em visada propositiva, este estudo buscou reunir elementos teóricos e interpretativos para a reflexão acerca do valor do exercício da reportagem na cobertura informativa radiofônica. A partir de revisão bibliográfica e pesquisa de campo, dedicou-se a analisar o formato desenvolvido pelo programa *A viver que son dos días*, por um

entrecruzamento dialógico das considerações de três jornalistas que cuidam de sua produção: Javier Del Pino, Bru Rovira e Valentina Rojo.

De modo específico, debruçou-se sobre o quadro *Carreteras Secundarias*, implementado na emissora em 2015, com a contratação de Rovira, que já havia cunhado a expressão e se especializado neste tipo de *reporterismo* em seus anos de trabalho para o jornal espanhol *La Vanguardia*, onde, inclusive, assinou uma seção homônima entre 2004 e 2007. Na aposta da direção do programa pela conjunção de experiências de duas gerações distintas do jornalismo, atreladas pela dinâmica profissional de “ver, ouvir e contar”, o quadro investe no movimento da escuta e do diálogo para relatar histórias de pequenos povoados do país.

Resistindo ao jornalismo declaratório que, conforme Joaquim Ferreira dos Santos (2005, p. 243), “se tornou o grande vencedor do momento”, a prática das *carreteras secundarias* é simples e ousada, a uma só vez, por levar a cabo os valores básicos da profissão (KAPUSCINSKI, 2003), que se perdem nas rotinas do facilitismo tecnológico. Se o telefone ganha protagonismo nas redações em função das necessidades imediatistas e das restrições financeiras das organizações, não há mediação técnica, conforme Medina (2008), capaz de abarcar a cena viva, em cheiros, silêncios, cores e paladares, que ambienta os seres em relação. Ao telefone, comenta Gadamer (2002, p. 244), “não é possível ouvir a disposição de abertura do outro para entrar em diálogo”, de modo que a aproximação mútua e a dimensão da partilha tão importantes ao processo se esvaem.

Quando se assume, entretanto, o ato presencial no exercício jornalístico, mobilizando os sentidos de apuração e interação compreensivas, o interesse noticioso passa a se fazer possível também mesmo nos lugares mais comuns, em meio à cotidianidade que frequentemente é marginalizada pela agenda pública e midiática. Junto aos personagens anônimos, mulheres e homens ordinários (CERTEAU, 1994, p.13) que tecem sua resistência na “floresta dos produtos impostos” e que carregam, ademais de histórias singulares, elementos de socialidade que “constituem o essencial da existência” (MAFFESOLI, 2005, p. 102).

Afinal, como escreve Rovira (2019), “todos nós somos movidos pelo mesmo [...] e a grandeza é ver histórias nas quais você se identifica porque enxerga coisas suas, mas vai além, abrindo portas para a compreensão do humano”<sup>19</sup> – e é esse o plano de fundo, acreditamos, da dinâmica jornalística que perfaz o programa *A vivir que son dos días* e dá o tom narrativo do quadro de reportagens aqui analisado.

## REFERÊNCIAS

- ARMADA, Alfonso. **Por carreteras secundarias**. Barcelona: Malpaso ediciones, 2018.
- ARMADA, Alfonso. Entrevista [set.2019]. Entrevistador: Tayane Aidar Abib. Barcelona, 2019. 1 arquivo.mp3 (70 min).
- BASSAS, Antoni. Entrevista [out.2019]. Entrevistador: Tayane Aidar Abib. Barcelona, 2019. 1 arquivo.mp3 (60 min).
- BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DEL PINO, Javier. Entrevista [nov.2019]. Entrevistador: Tayane Aidar Abib. Barcelona, 2019. 1 arquivo.mp3 (25 min).
- DOS SANTOS, Joaquim Ferreira. Abaixo o jornalismo bege. In: Wolfe, T. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método II: complementos e índice**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- KAPUSCINSKI, Ryszard. **Los cínicos no sirven para este oficio: sobre el buen periodismo**. Barcelona: editorial Anagrama, 2002.

---

<sup>19</sup> No original: “a todo mundo le mueve lo mismo [...] y la grandeza es ver historias que tú te identificas con ellas porque hay cosas tuyas, pero va más allá, va abriendo puertas a la comprensión del humano”.

KAPUSCINSKI, Ryszard. (2003). **Los cinco sentidos del periodista**. México: Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano, Fundación Proa, FCE, 2003.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 6.ed. Record, Rio de Janeiro, 2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**. O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4ª ed. Baureri: Manole, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade**. Porto Alegre: Sulinas, 2005.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2008.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª edição. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2002.

RIUS, Josep Carles. Entrevista [nov.2019]. Entrevistador: Tayane Aidar Abib. Barcelona, 2019. 1 arquivo.mp3 (70 min).

ROJO, Valentina. Entrevista [dez.2019]. Entrevistador: Tayane Aidar Abib. Barcelona, 2019. 1 arquivo.mp3 (45 min).

ROVIRA, Bru. Entrevista [out.2019]. Entrevistador: Tayane Aidar Abib. Barcelona, 2019. 1 arquivo.mp3 (90 min).

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Vol. 2. Florianópolis: Insular, 2005.

VARGAS, Raul Osorio. **El reportaje como metodología del periodismo: una polifonía de saberes**. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2017.

VICENTE, Sandra. Entrevista [dez.2019]. Entrevistador: Tayane Aidar Abib. Barcelona, 2019. 1 arquivo.mp3 (40 min).

## COMO CITAR ESTE ARTIGO

VENTURA, Mauro de Souza; ABIB, Tayane. A aposta pela narrativa jornalística no programa A vivir que son dos días, da Sociedad Española de Radiodifusión. **Revista Culturas Midiáticas**, João Pessoa, v. 14, pp. 61-78, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2763-9398.2021v14n.57520>.